

PAZ

PMS	FML	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	24/07/05	
Cadern	2003	14
Seção		
Assunto	Bairro	

Um bairro em busca da paz

Moradores da antiga invasão das Malvinas levantam a bandeira da cidadania e pedem melhorias para o local



Crianças do bairro se divertem nas vias públicas por falta de espaços adequados para o lazer. Moradores denunciam que há cerca de 200 crianças fora da escola no Bairro da Paz

JORGE LINDSAY

A lém de reivindicar melhorias na infra-estrutu-

segundo os moradores, é referência negativa para qualquer ocupação remunerada. Com uma taxa de natalidade

Guerra inspirou o primeiro nome

JORGE LINDSAY

Além de reivindicar melhorias na infra-estrutura básica, quase 23 anos depois do surgimento da localidade, os cerca de 60 mil moradores do Bairro da Paz, na Paralela (antiga Malvinas), empunham agora a bandeira da cidadania. Eles querem ser reconhecidos como cidadãos, depois de muita luta por moradia e sobrevivência. Estigmatizados pela má fama do bairro, onde circular à noite seria uma temeridade e a marginalidade ocuparia pontos estratégicos, os habitantes asseguram que o Bairro da Paz já pode fazer jus ao nome e, mesmo com dificuldades, busca pistas em direção ao progresso.

Os números que balizam o Bairro da Paz são, de fato, preocupantes. De acordo com pesquisa da Fundação D. Avelar, instalada desde a formação do local, cerca de 70% da população é formada por desempregados ou subsistem de atividades informais, como ambulantes, vendedores de picolés e outras semelhantes. Há um agravante: moradores de lá dificilmente conseguem colocações no mercado formal devido à baixa escolaridade, falta de habilitações profissionais e, até pelo fato de residir na ex-Malvinas, o que,

segundo os moradores, é referência negativa para qualquer ocupação remunerada.

Com uma taxa de natalidade beirando os 8% e um número considerável de garotas entre até 13 e 17 anos, a tendência do Bairro da Paz é crescer. Ainda segundo a pesquisa, em torno de 60% da população são jovens que carecem de atividades esportivas e, embora existam 20 times de futebol no bairro, não há um só campo para a prática do esporte. De acordo com Antônio Carlos Silva Santos, da Fundação D. Avelar, houve uma época em que era preocupante a mortalidade de jovens vítimas do tráfico e de grupos de extermínio, exatamente por falta de atividades educacionais e culturais de lazer.

FALTAM ESCOLAS – “Temos aqui apenas duas escolas estaduais e duas municipais de 5ª a 8ª série. Há cerca de 200 crianças fora da escola. Precisamos não apenas ampliar o número de unidades, mas também participar do Projeto Escola Aberta, no qual os espaços de ensino são utilizados nos finais de semana para diversas atividades”, enfatizou Antônio Carlos. Mesmo com características modestas, houve crescimento do comércio que, entretanto,



Rafael: “somos as maiores vítimas de promessas dos políticos, mas já tomamos consciência”

não absorve sequer 10% da mão-de-obra local.

Rafael Reis Lima, 67 anos, uma espécie de referencial por ser remanescente, das lutas pela criação do bairro e consultor nos momentos de decisão, reafirma as carências do Bairro da Paz. “Somos as maiores vítimas de promessas de políticos, mas já tomamos consciência de que

‘a união também constrói’. Ele acredita que a questão da estigmatização do povo e o preconceito devem ser derrubados a qualquer custo.

Juntamente com Ubiratan Silva, ele administra a Rádio Comunitária Avançar, que alcança todo o bairro e transmite músicas, noticiário e mensagens que auxiliam na formação de

opinião através de 50 bocas de alto falantes. “Vamos partir para Am e FM”, garantem os dois. “Hoje vivemos um novo tempo, não há porque temer visitar o Bairro da Paz, inclusive para conhecer seu histórico de lutas e sacrifícios”, recomenda, arrematando: “O grande patrimônio desse povo é a coragem de lutar”.

Jovens são preparados para vencer preconceitos

Cerca de 600 crianças de 7 a 17 anos, das 8h30 às 11h30 e das 13h30 às 16h30 estão envolvidas em diversas atividades, como cursos profissionalizantes, entre eles costura industrial, serigrafia, produção de alimentos e informática, promovidos pela Fundação Cidade Mãe. Complementam os trabalhos, estudos e discussões sobre temas oportunos, a exemplo de meio ambiente, drogas, socialização com a família, que também está inserida no contexto da fundação.

“Buscamos aqui, principalmente, ferramentas para formação e aprimoramento da cidadania”, ressalta a assistente social Cristiane Borges, há três anos coordenando os trabalhos. Ela revela ser difícil, por exemplo a inserção de pessoas no mercado formal de trabalho. “Há uma espécie de resistência lá fora que é inconcebível nos tempos de hoje, principalmente quando se sabe que a procedência do candidato é o Bairro da Paz. Trata-se de um preconceito que deve ser combatido de todas as formas”, afirma Cristiane.



O contato com a tecnologia estimula os jovens do bairro a fazerem planos para o futuro

com o Projeto Inclusão Digital

capacitando ex-aprendizes pa-

ca e o que temos é pouco, já

devido às condições da família.

Guerra inspirou o primeiro nome

Início dos anos 80. Enquanto a Argentina e a Inglaterra se engalfinhavam em disputa pelas Ilhas Malvinas, aqui em Salvador cerca de três mil pessoas disputavam alguns palmos de terra, algumas vezes em confronto com a polícia. “Foram tempos de medo, mas de resistência”, relembra, com olhar firme, Maria Dolores da Conceição, 66 anos, uma das desbravadoras da área. “As derrubadas, como eram conhecidas as ações policiais que jogavam os barracos levantados com muito suor e lágrimas ao chão, animava mais a gente”, relembra. Grande parte do pessoal era oriunda de municípios do Recôncavo.

Foi inevitável a comparação. “Isso aqui está mesmo que as Malvinas”, gritou alguém em meio a um cerco da Polícia Militar. Pegou. Nasceu então a Invasão das Malvinas, enfiada em uma vasta e valorizada extensão de terra da Avenida Paralela, às bordas da orla.

“Esses eram forasteiros que se aproveitaram da nossa luta para ocupar espaços e manchar a imagem da gente até hoje”, desabafou Maria Dolores Conceição. A maioria dos crimes que, embora em menor número, ainda correm no local, são característicos de disputa entre gangues: chacinhas, partilha de roubos e vingança. “Graças a Deus esse pessoal está caindo fora daqui, entendem que não são mais aceitos. Ou até podem se regenerar e se integrar à comunidade”, reflete outra fundadora do bairro que não quis se identificar. Para melhorar a imagem o nome Malvinas foi substituído pelo de Bairro da Paz.

Na avaliação do delegado-chefe Jacinto Alberto, o bairro não é violento. Ao fazer um apelo para que as pessoas não estigmatizem seus moradores, ele acredita que os surtos de violência que ocorriam com frequência anteriormente, deviam-se ao desordenamento na construção do bairro. Ele revelou inclusive estar encaminhando um projeto ao Governo do Estado, no sentido de criar ali uma delegacia. “Nosso objetivo é desafogar a 12ª em Itapoan e facilitar o acesso da população local aos serviços da polícia.”



nos, a exemplo de meio ambiente, drogas, socialização com a família, que também está inserida no contexto da fundação.

“Buscamos aqui, principalmente, ferramentas para formação e aprimoramento da cidadania”, ressalta a assistente social Cristiane Borges, há três anos coordenando os trabalhos. Ela revela ser difícil, por exemplo a inserção de pessoas no mercado formal de trabalho. “Há uma espécie de resistência lá fora que é inconcebível nos tempos de hoje, principalmente quando se sabe que a procedência do candidato é o Bairro da Paz. Trata-se de um preconceito que deve ser combatido de todas as formas”, alerta Cristiane, lembrando ainda que a questão da violência é estudada e discutida entre orientadores e familiares.

INCLUSÃO DIGITAL – Os moradores estão empolgados

com o Projeto Inclusão Digital, que funciona na sede do Conselho de Moradores. Apesar do pequeno número de computadores – apenas cinco, dois estão quebrados – para 90 pessoas em dois turnos, os moradores, que já rendeu frutos,

capacitando ex-aprendizes para monitores. Chegou a vez de Adriana da Mota, 19 anos mostrar o que aprendeu em três meses. “Precisamos de maior apoio, inclusive porque trata-se de um aprendizado que exige tempo e muita prática

e o que temos é pouco, já que um só computador é usado por até quatro estudantes”, lamenta ela.

Interessada e atenta às orientações, Géssica Barbosa, 12 anos, sonha em um dia ter seu computador, mas acha difícil

devido às condições da família. “Pretendo um dia ser gerente de alguma coisa e sem computador vai ser difícil, mesmo assim quero passar o tempo que puder estudando ele”, diz a pequena Géssica, com os olhos brilhando em direção à telinha



O contato com a tecnologia estimula os jovens do bairro a fazerem planos para o futuro